

BLACK MIRROR E O DILEMA DAS REDES: PROBLEMATIZAÇÕES EXISTENCIAIS ACERCA DA VIRTUALIDADE

Beatriz Pascutti Martins¹
Lorrayne Karolyne Rocha da Silva¹
Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi²

RESUMO

Compreender as relações virtuais que se apresentam no contexto contemporâneo, requer acessar o desenvolvimento e as mudanças dos meios de comunicação efetuadas através da história. Soma-se a isso, este trabalho engloba a análise de dois materiais da plataforma de streaming Netflix, sendo estes, a série britânica *Black Mirror* e, o documentário americano, *O Dilema das Redes*. A partir das quais foram pontuados os usos das redes virtuais, implicando na existência do sujeito e seus atravessamentos subjetivos. À vista disso, por intermédio de pesquisas bibliográficas, este artigo possibilita uma reflexão fenomenológica existencial acerca dos impactos da era digital-virtual sobre a sociedade e as relações humanas, discutidas e analisadas através das tramas.

Palavras-chave: virtual; existência; realidade; sociedade.

BLACK MIRROR AND THE SOCIAL DILEMMA: EXISTENTIAL PROBLEMATIZATIONS ABOUT VIRTUALITY

ABSTRACT

Understanding the virtual relationships that present themselves in the contemporary context requires accessing the development and changes in the media made throughout history. In addition, this work encompasses the analysis of two materials from the Netflix streaming platform, these being the British series *Black Mirror* and the American documentary, *The Social Dilemma*. From which the uses of virtual networks were punctuated, implying the existence of the subject and its subjective crossings. In view of this, through bibliographical research, this article enables an existential phenomenological reflection on the impacts of the digital-virtual era on society and human relations, discussed and analyzed through the tramas.

Keywords: virtual; existence; reality; society.

BLACK MIRROR Y EL DILEMA DE LA REDES SOCIALES: PROBLEMATIZACIONES EXISTENCIALES SOBRE LA VIRTUALIDAD

RESUMEN

Comprender las relaciones virtuales que se presentan en el contexto contemporáneo, requiere acceder al desarrollo y a los cambios de los medios de comunicación efectuados a través de la historia. A eso se suma que este trabajo engloba el análisis de dos materiales de la plataforma de streaming Netflix, siendo estos, la serie británica *Black Mirror* y, el documental americano, *El Dilema de las Redes*. A partir de las cuales fueron puntuados los usos de las redes virtuales, implicando en la existencia del sujeto y sus atravesamientos subjetivos. A la vista de esto, a través de investigaciones bibliográficas, este artículo posibilita una reflexión fenomenológica existencial

¹ Acadêmica do 4º ano do Curso de Psicologia, da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede).

² Psicóloga, docente do Curso de Psicologia, da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede).

acerca de los impactos de la era digital-virtual sobre la sociedad y las relaciones humanas, discutidas y analizadas a través de las tramas.

Palabras clave: virtual; existencia; realidad; sociedad.

INTRODUÇÃO

O universo virtual, instaurado pela tecnologia, integra seus produtos e servidores em uma rede de comunicação interligada globalmente, o que indiscutivelmente gera impactos nos modos de subjetivação do sujeito contemporâneo (OTERO, 2013). Pensando nisto, este artigo tem por finalidade analisar duas produções artísticas da plataforma Netflix, sendo elas: *Black Mirror* e *O Dilema das Redes*, a partir do levantamento de discussões fundamentadas por estudos científicos que abordam os aspectos vigentes da sociedade contemporânea virtual, bem como os pressupostos da teoria fenomenológica existencial.

Cazeloto (2009) compreende a virtualização como o distanciamento das experiências imediatas realizadas no âmbito particular do sujeito. O mesmo autor ainda compara os modos de subjetivação experienciados a partir do surgimento dos meios de comunicação de massa, com as formas anteriores de relacionamento com o mundo e com os valores atribuídos a seus fenômenos. Neste viés, o presente artigo considera de suma importância a realização de um breve percurso histórico acerca da evolução e das transformações advindas dos meios de comunicação. Uma vez que, para a fenomenologia existencial o homem é considerado histórico, ou seja, consciente de sua ligação com o passado, presente e futuro. Assim: “É pela história que o homem pode ser. Por isso, o homem é conquista. Conquista de si mesmo como ser-no-mundo. É na história e pela história que o homem se situa e se reporta ao ser” (DETTONI; DETTONI; DETTONI, 2016, p. 108).

Em um segundo momento, o trabalho ampara-se nas produções da plataforma de streaming Netflix, para tratar dos meios de comunicação vigentes revelados pela discussão no item anterior. No episódio *Queda Livre* da série *Black Mirror*, “é apresentada uma distopia de sociedade em queda livre, na qual as instâncias sociais se definem a partir de avaliações mediadas por uma rede social” (LIMA; SANTOS; DANTAS, 2017, p. 1). Entretanto, por intermédio do documentário *O Dilema das Redes*, associado a pesquisas bibliográficas, tornou-se possível apreender os mecanismos de funcionamento deste cenário digital-virtual e estabelecer um comparativo entre ficção e realidade, onde identificaram-se experiências já praticadas na hodiernidade.

De acordo com Freitas (2011, p. 206), investigando e considerando o homem “através de sua antropologia podemos compreender a práxis que tem em seu bojo a conversão do processo existencial e do histórico.” Partindo-se desta concepção, percebemos a possibilidade de alinharmos os relevantes e abrangentes conceitos da fenomenologia existencial à uma temática de extrema pertinência, o ser-no-mundo virtual. E, é com esse ser-no-mundo, em constante criação, que

trabalhar-se-á com diversos conceitos, como, Dasein, em-si-para-si, olhar objetificador, ser-para-outro, inautenticidade e má-fé, decadência do ser, consciência irreflexiva e reflexiva, entre outros aspectos. Todavia, compreende-se também, a importância do desvelamento do projeto de si ou projeto fundamental, posto que, é neste momento que o sujeito passa a construir-se e apresentar-se de forma autêntica, possuindo capacidade reflexiva para apontar as ações que acredita serem viáveis para sua vida ou para um específico cenário (ERTHAL, 1994).

HISTÓRIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES NA RELAÇÃO EU-MUNDO

Entende-se que ao longo da história da humanidade, efetuaram-se diversas transformações e avanços nos modos de comunicação entre determinados grupos e sociedades. Na obra intitulada: *História breve dos meios de comunicação: Da imanência pensante a sociedade em rede*, constata-se que a partir do surgimento dos primeiros hominídeos, desenvolveram-se os primeiros modos de comunicação. Estes, eram realizados de maneira instintiva, dada a necessidade de compartilhar ideias e emoções visando a sobrevivência. Observa-se também, que nos primórdios da linguagem, a mesma tinha objetivos bastante distintos dos contemporâneos. Isto porque, os homo sapiens exordiais utilizavam-se das articulações vocais unicamente como meio de facilitar a caça e a proteção (GUERREIRO, 2018).

Posteriormente, ainda segundo o autor supracitado, a linguagem atingiu o nível da fala, percorrendo séculos de evolução e desenvolvimento biológico, social, cultural e tantos outros níveis de transformação. O progresso humano passou por todas essas etapas importantes, havendo assim, o delineamento de uma linha do tempo onde ocorre uma divisão entre pré-história e história. De acordo com Sampaio (2009, p. 31) “a História começou há apenas cinco mil anos (por volta de 3000 a.C.), no momento em que o homem passou a utilizar-se da escrita para contar sua própria história.”

A escrita faz-se tão importante para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que possibilitou apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. Em razão disto, a história da escrita segue os avanços da história humana, pois contribui não somente para o entendimento do mundo, mas, também, para o entendimento de nosso mundo interno (SAMPAIO, 2009). Compreendendo que, assim como afirma Vygotsky (1988), a escrita não está separada da linguagem, ela é constituída por um sistema de símbolos e signos, no qual atribuímos significados que determinam os sons e as palavras da linguagem oral. Assim, percebe-se que a elaboração de livros apresenta-se como um dos primeiros meios de comunicação, aliados, claramente, a outros formatos escritos (GUERREIRO, 2018), como será visto a seguir.

Quando o processo de criação da linguagem e da escrita haviam se estabilizado, foram construídos métodos ainda mais inovadores de divulgação e compartilhamento de informações. O jornalismo existiu permeado a toda essa evolução e deteve sua influência na transformação da comunicação. O início de sua expansão ocorreu no século XIX, sua composição caminhou juntamente com a da imprensa, sendo ambas, construções sociais que acarretaram em mudanças globais que influenciam até os dias atuais (SILVA, 2012).

Esse formato midiático, conhecido como jornalismo, teve seu início atravessado pela revolução industrial, ocorrendo principalmente no continente europeu, e pelo desenvolvimento da literatura. Graças ao aumento de pessoas alfabetizadas, os empresários encontraram através desse mecanismo, uma forma eficaz de divulgar serviços e produtos, além de possibilitar, a quem possuía maior poder monetário e político, o controle das massas menos privilegiadas. A inserção abrangente da população neste meio, ocorreu no período monárquico (MARTINS; LUCA, 2008). Finalmente, perpassando todas as fases políticas e sociais de um país, a mídia e a imprensa se tornaram parte da sociedade brasileira e mundial (MIRANDA, 2007). Comentadas as inovações impressas, avançaremos, agora, para as tecnologias elétricas. Sobre essas, serão analisados, brevemente, o telégrafo, o rádio e a televisão.

Construído em 1792, o telégrafo foi uma criação extremamente inovadora de sua época, que possibilitou a comunicação à distância e, por consequência, influenciou a constituição de toda a tecnologia contemporânea. Por conta disto, o telégrafo é considerado o precursor da internet, aquele que ofereceu os subsídios necessários para que essa materialização fosse possível (SUBTIL, 2014). No decorrer da história, houveram outras descobertas tecnológicas mais inovadoras. Conhecido como rádio, este instrumento permitia a transmissão de programas, notícias e variados conteúdos em tempo real, o sucessor do telégrafo foi, certamente, um grande passo para mudanças na sociedade. Haja vista que, o mesmo teve seu surgimento no século XIX e sua importância comprova-se ao permanecer em utilização mesmo após mais de 100 anos desde sua invenção (CALABRE, 2004). Além disso, é válido pontuar que, segundo Miranda (2007), os serviços de rádio inicialmente eram utilizados apenas para comunicação entre navegações e somente após o término da segunda guerra mundial, unido a vários outros processos de expansão, esse aparelho começou a ser utilizado, também, como ferramenta de propaganda.

Subsequente a isso, uma nova invenção acarretou inquestionáveis impactos nas formas em que os sujeitos se comportam e se relacionam com o mundo. Sobre isso, a televisão surgiu como mais um inovador meio de comunicação (ABREU; SILVA, 2012). Criada no século XX, apenas ao fim do período de guerras obteve uma rápida ascensão, conquistando a população e passando a encontrar-se em grande parte das residências e estabelecimentos diversos (MIRANDA, 2007). “Por estar presente na grande maioria dos espaços sociais, a relevância da televisão como meio de

comunicação de massa é maior do que a exercida por outros veículos” (DALPIZOLLO; RAHDE, 2009, p. 133). A afirmação realizada pelas autoras era correspondente ao período em que foi elaborada, porém, assim como visto anteriormente, as inovações tecnológicas atuam de forma ininterrupta e, nos dias atuais, pode-se constatar que essa influência de massa, antes feita pela TV, agora, é exercida por outro meio, os smartphones (COUTINHO, 2014). Todavia, é válido destacar que previamente à discussão deste, pelo presente artigo, faz-se imprescindível, ainda, discorrer sobre os mecanismos anteriores que subsidiaram a criação do mesmo, a internet e os telefones celulares.

Iniciar-se-á uma breve revisão histórica da internet a partir do final dos anos 50. Isto porque, observa-se que com a criação da Advanced Research Projec Agency (ARPA) pelo governo dos Estados Unidos da América, objetivando a implantação de uma rede de comunicações entre os locais mais críticos de seu sistema de defesa, encontram-se os primeiros esboços sobre o que hoje têm-se como internet. Posteriormente, em 1970, inaugurou-se a primeira rede experimental de internet, a ARPANET, que, já no ano seguinte, 1971, possuía 15 nós que interligavam cerca de 20 máquinas da ARPA (GOETHALS; AGUIAR; ALMEIDA, 2000). Estes mesmos autores, através de sua obra *A história da internet*, estabeleceram uma linha temporal sobre a mesma, a partir de 1971, que constituiu-se da seguinte maneira:

1973: O nome INTERNET começou a ser falado apenas em 1973. Isto porque no ano de 72, tinha-se iniciado na ARPA a investigação do conceito "internetworking" forma de interligação de redes; **1980 e 1981:** Misturam-se três mundos distintos, militares, cientistas e universidades. Esta mistura surge como consequência da criação de duas redes ligadas a instituições universitárias e científicas americanas: a BitNET (Universitária) e a CSNET (científica), vindo a potenciar o aparecimento de uma rede alargada com múltiplas aplicações; **1982:** Os protocolos usados nestas redes foram firmados num standard, o TCP-IP; **1990:** Surge nos EUA o primeiro Internet Service Provider comercial, e a ARPANET deixa formalmente de existir (GOETHALS; AGUIAR; ALMEIDA, 2000, p. 7).

Por meio do surgimento do Internet Service Provider comercial, em 1990, e a criação do WWW (World Wide Web), a expansão da internet tornou-se inevitável.

A Internet transforma-se num sistema mundial público, de redes de computadores, numa rede de redes, ao qual qualquer pessoa ou computador, previamente autorizado, pode conectar-se. Obtida a conexão, o sistema permite a transferência de informação entre computadores. (Almeida, 2005, s/p)

Percebe-se que a informação na internet diferencia-se da informação em outras fontes, em razão de sua acessibilidade, estrutura, seu dinamismo e métodos de publicação. Dentre suas características mais marcantes, está a ausência da necessidade do deslocamento físico, a não limitação de horários, a facilidade e agilidade na busca e exploração de notícias, somado à possibilidade de interação imediata com outros indivíduos e sistemas (CENDON, 2014).

Tais fatores fazem com que Manuel Castells em seu livro intitulado *A Galáxia da Internet*, conceba a mesma como:

[...] o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo domínio da atividade humana (CASTELLS, 2001, p. 7).

Concomitante a isso, a criação do primeiro telefone celular, segundo a pesquisa realizada por Macedo et al. (2016), traria para a nova geração, não somente novos aparelhos mas também, uma nova forma de enxergar a comunicação e como essa seria uma grande mudança nos padrões das relações interpessoais. A primeira ligação entre dois telefones celulares ocorreu em Nova York no ano de 1973. Criados através dos estudos do executivo da Motorola, Martin Cooper, os primeiros celulares DynaTAC produzidos pela Motorola, entre 1983 e 1994, eram utilizados para efetuar e receber chamadas. Não haviam muitas funcionalidades, possuíam grandes proporções, eram caros e somente a classe com maior poder aquisitivo tinha acesso (DUTRA, 2016).

No entanto, permitiam que, além de transmitir uma mensagem, essa fosse por meio da voz, transformando uma era em que informações eram transmitidas de formas mais lentas, para um momento em que a instantaneidade passou a existir e permear uma sociedade imediatista. Entretanto, assim como visto, nos telefones celulares não haviam disponíveis uma variedade de funções. Em resposta a isso, em 1992, surgem os primeiros smartphones (UCEL³ apud OLIVEIRA; UBAL; CORSO, 2014). De acordo com os mesmos autores, o smartphone se caracteriza pelo seu sistema operacional, seu poder de processamento, que o capacita a executar programas inviáveis em celulares sem tal estrutura e, principalmente, por seu acesso à internet.

Neste sentido, os smartphones são definidos como “celulares que oferecem recursos avançados similares aos de um notebook” (TORRES, 2009, p. 393). Por conta disto, utiliza-se o conceito “computador de bolso”. Em tradução literal, smartphone significa “telefone inteligente”, em referência à alta capacidade de processamento destes dispositivos. Isto porque, os mesmos são capazes de suportar uma gama enorme de aplicativos ou aplicações (SOUZA, 2016). Coutinho (2014, p. 12) explica que estas podem ser:

Desenvolvidas por outras empresas ou mesmo pessoas físicas, que as disponibilizam em uma loja de aplicativos, tudo graças a um sistema operacional também de um terceiro que os permite funcionar, como por exemplo, o Android da Google ou IOS da Apple.

Por meio desta ferramenta, a operação de diversas necessidades é efetuada de forma rápida, a exemplo disto, sua utilização para compras, pesquisas direcionadas para o trabalho, pagamento de contas com códigos de barra, monitoramento da saúde e lazer (OLIVEIRA; UBAL; CORSO, 2014).

³ UCEL. **Mapa dinâmico de telefonia celular**. Mercado de Smartphones. 2014.

Sabendo que “os smartphones não são mais instrumentos para a simples comunicação. Hoje, esses dispositivos permitem acessar as redes sociais, assistir vídeos, séries e filmes” (CAVALCANTE, 2020, p. 371), verifica-se o uso dos mesmos como via de entretenimento. Oliveira, Ubal e Corso (2014, p. 2) comentam que “Além da função de comunicação, o aparelho celular tornou-se fonte de entretenimento, e até uma forma de extensão da identidade do usuário”.

Tendo em vista este cenário, algumas empresas ligadas ao setor artístico-televisivo, perceberam no advento da internet a possibilidade de expandir sua audiência e alcance, revolucionando então, a maneira de consumir conteúdos de entretenimento. Como prova disto, a plataforma de streaming Netflix, assunto a ser tratado no tópico a seguir.

PLATAFORMA STREAMING NETFLIX: BLACK MIRROR E O DILEMA DAS REDES

Compreende-se que as obras de ficção configuram-se como um prodigioso recurso pedagógico, uma vez que possibilitam a análise interdisciplinar, a interação e o exercício da alteridade. Quando bem elaboradas, podem retratar o ambiente, a vida e a qualidade de vida, provocando nos espectadores, reações e emoções capazes de levantar reflexões e ponderações relevantes sobre determinado tema (VIEIRA, 2017). Tendo em vista a importância e o impacto que os recursos artísticos provocam, este artigo abordará objetivamente a ferramenta de propagação de conteúdos audiovisuais, uma empresa de streaming, denominada, Netflix. Sobre sua origem, Teixeira (2015, p. 16) explica que:

Reed Hastings e seu ex-colega de trabalho, Marc Randolph, fundaram a Netflix, em 1997, em Scotts Valley, Califórnia, com 30 funcionários e pouco mais de 900 títulos disponíveis para serem alugados e entregues por correio nos domicílios dos consumidores americanos, em um modelo diferente do atual, que é predominantemente digital. Por volta dos anos 2000, a empresa já havia construído sua reputação sob o modelo de negócio de uma assinatura online mensal, com direito a locações ilimitadas com uma taxa fixa, sem data de vencimento ou taxas de transporte e manuseio. Dez anos após sua fundação, com cerca de sete milhões de assinantes nos EUA, a Netflix inaugura o seu serviço de streaming, que permite aos assinantes assistirem conteúdo instantaneamente em seus computadores pessoais.

Atualmente, a Netflix oferece, via online streaming⁴, materiais diversos para variadas plataformas, como: smartphones, tablets, computadores e televisões. A utilização da internet como ferramenta de compartilhamento instantâneo, mostra-se alinhada com a vigente revolução digital, uma vez que transformações no meio audiovisual ocorrem em todos os segmentos, seja produção, distribuição e exibição, atendendo sempre a uma crescente demanda por agilidade e rapidez. Com o advento do serviço de streaming, aos espectadores foi possibilitado assistir ao conteúdo que

⁴ “O streaming apresenta-se hoje como um método estável para disponibilizar vídeo e áudio via Internet de uma forma rápida, baseado em tecnologias simples, baratas e que oferecem maior controle sobre a propriedade intelectual dos conteúdos” (ADÃO, 2007, p. 3).

desejam, no horário que preferirem e a quantidade de vezes que escolherem, rompendo então, com o antigo formato de televisão, pautado nas horas marcadas e nas limitações de escolha, transformando assim, o consumo (XAVIER, 2017).

Dentre as obras vinculadas a esta plataforma, encontra-se a produção britânica *Black Mirror* e, o filme americano, *O Dilema das Redes*, ambas discutem os impactos da era digital-virtual sobre as relações humanas e a sociedade, seja em um futuro distópico, seja em um presente alarmante. O primeiro episódio da terceira temporada da série de ficção científica *Black Mirror*, intitulado *Queda livre*, oferece percucientes reflexões quanto às novas formatações de vida e interação advindas do avanço tecnológico. *Queda Livre* teve seu enredo criado por Michael Schur e Rashida Jones, além de ser dirigido por Joe Wright (XAVIER, 2017). Já o documentário *O Dilema das Redes*, dirigido por Jeff Orlowski e roteirizado por Davis Coombe, Vickie Curtis e Jeff Orlowski, teve seu lançamento em 09 de setembro de 2020, contando com 1 hora e 34 minutos de duração (SEPULVEDA, 2021).

Dada a relevância das produções aqui abordadas, faz-se necessário uma avaliação minuciosa das mesmas e, para isto, Penafria (2009) traz como metodologia de análise duas importantes etapas. Primeiramente, refere-se a decomposição da obra, ou seja, a descrição, para que em um segundo momento, haja o estabelecimento de uma relação e compreensão entre os elementos decompostos, resultando então em uma clara interpretação. A seguir, realizar-se-á a decomposição, respectivamente, do episódio *Queda Livre* (2016) e do documentário *O dilema das redes* (2020).

O estudo *Black Mirror e a cegueira moral da Modernidade*, oferece relevantes informações acerca de suas principais características e funcionamento. Segundo a autora do texto:

Black Mirror é uma série de televisão britânica criada por Charlie Brooker, cuja temática envolve ficção científica e um futuro distópico. A série foi sucesso absoluto nas duas primeiras temporadas, onde cada episódio tem um elenco, um set, e um enredo diferente. Apesar de os episódios não terem aparente relação entre si, permitindo ao espectador assistir fora da ordem, a série propõe que todos os episódios estejam inseridos, em maior ou menor grau, no mesmo tempo: um futuro de distopia tecnológica. Isso significa que alguns episódios acontecem simultaneamente, ou, em intervalos de tempo próximos, como se tudo estivesse no mesmo universo psicológico (VISCONTI, 2017, p. 144).

Além disso, é válido pontuar que o título do seriado, na tradução livre, significa: “*Espelho Negro*, remete à tela de nossos smartphones, e usa estes como ponto de partida de alguns dos melhores episódios” (FERREIRA, 2018, s/p.). É o ponto de partida para o episódio *Queda Livre*, que apresenta e discute “O quanto somos submetidos a estetização e nos sensacionamos, mas dentro de um contexto amplo, que envolve o caráter econômico, político, cultural” (CARDOSO; JUNIOR; JUNIOR, 2019, p. 292). Dadas as informações iniciais do seriado e do episódio em questão, torna-se cabível a descrição do mesmo, efetuada a partir de uma sinopse.

A história é ambientada em um futuro onde as pessoas são avaliadas com até 5 estrelas, quanto maior a popularidade, maior o poder aquisitivo e de influência de determinado sujeito. Lacie Pound, a protagonista da trama, interpretada por Bryce Dallas Howard, inicia o episódio com uma avaliação de 4.2, o que a garante uma considerável estabilidade econômica e status social. A personagem divide sua casa com seu irmão Ryan, que não possui uma avaliação tão expressiva quanto a dela, no entanto, o mesmo não demonstra-se incomodado com tal fato. Obstinada a mudar-se para um condomínio luxuoso, onde seus moradores precisam ter no mínimo uma avaliação de 4.5, Lacie encontra no casamento de uma amiga de sua infância, Naomi, a possibilidade de alcançar rapidamente a pontuação desejada. Isto porque, esta possui uma avaliação de 4.8, e dentre seus convidados a pontuação segue o mesmo padrão. Circunstância que poderia alavancar e aumentar o engajamento de Lacie de uma forma exponencial. Dessa maneira, a trama desenvolve-se à medida em que a protagonista inicia sua viagem até o local do casamento.

Ao sair de casa, em direção ao aeroporto, inicia-se a “queda” da personagem. A princípio, seu irmão questiona sua constante necessidade de ser-para-outro, uma vez que a protagonista possui um frágil e não autêntico projeto de si, ao adentrar em uma dependência da validação e aprovação dos outros, deslocando então seus conteúdos para a tentativa de atingir as expectativas alheias. A intenção de seu irmão de desenvolver uma consciência reflexiva na protagonista, resulta em uma discussão entre ambos, pois Lacie ainda encontra-se alienada a suas vivências. Como resposta às provocações de seu irmão, ela avalia negativamente, atitude que é correspondida da mesma forma. Logo em seguida, por distração, acaba esbarrando e derrubando uma bebida em sua vizinha, que por consequência, retira mais estrelas da protagonista.

Em seguida, já no aeroporto, a personagem depara-se com o cancelamento de seu voo inicial, sendo o embarque em outro avião, de uma classe mais elevada, a melhor possibilidade para chegar a tempo do casamento. No entanto, a perda repentina de algumas estrelas faz com que Lacie reduza sua nota de 4.2 para 4.18, ocasionando a impossibilidade da mesma adquirir um assento no determinado embarque. Tomada pela frustração com o risco de não comparecer ao casamento, Lacie expressa sua raiva e indignação perante o público do aeroporto. Tal comportamento recebe uma punição temporária de segurança, onde a mesma fica 24 horas com sua classificação em 3.1, muito abaixo de sua nota usual. Além disso, todos os votos negativos que ela recebe são duplamente multiplicados.

Com seu ranking de popularidade abaixo do necessário para o padrão da sociedade, à Lacie somente resta a possibilidade de alugar um carro para chegar a seu destino. Entretanto, devido a sua baixa popularidade, o carro apresenta diversos problemas, como não ser compatível com os postos de abastecimento elétrico, dada sua antiguidade. Devido a isso, a personagem busca pedir carona, porém, novamente, por sua baixa classificação, é recusada por quase todos os motoristas. Apenas

uma se dispõe a ajudá-la, Susan. Esta personagem possui uma nota surpreendentemente baixa, o que, de início, assusta Lacie. Susan demonstra uma espontaneidade e autenticidade que destoam dos relacionamentos e comportamentos produzidos naquele cenário de aparências e classificações. A mesma, revela que em um determinado momento de sua vida, também tornou-se obcecada com classificações. No entanto, apesar de ter alcançado um significativo status de popularidade, ao atingir a nota 4.4, seu marido, com câncer, por não encaixar-se na classificação superior, teve seu tratamento negado e faleceu, em razão de ser um 4.3. Tal experiência despertou em Susan, uma nova visão sobre suas próprias vivências, ao questionar o modo como subjetiva-se, adotou posturas que estimulavam sua criticidade, o que propiciou o desenvolvimento de sua consciência reflexiva e permitiu-lhe a construção de um novo projeto de si, agora, voltado para-si e não para-o-outro. A carona encerra-se.

O contato com Susan foi fundamental para que Lacie se percebesse, mesmo que em poucos momentos, agindo em prol de si. Estes momentos eram marcados por breves expressões antes censuradas pela mesma, como a possibilidade de gritar, utilizar palavras grotescas e despreocupar-se com a opinião do outro. Neste ponto, percebe-se o início de um movimento crítico em direção ao seu ser. O que é corroborado, posteriormente, pelo cancelamento de seu convite para o casamento, haja vista que sua popularidade encontrava-se naquele momento em 2.6, fazendo então com que Lacie, em um quadro de fúria, se comportasse de forma escandalosa em meio a rodovia. A presente atitude denota a perda da postura inicial da personagem.

Depois disso, Lacie opta por comparecer ao casamento de qualquer forma. Devido a sua classificação, a protagonista não poderia entrar no estabelecimento onde o casamento é realizado, portanto escolhe utilizar de meios clandestinos para chegar ao evento. Durante seu percurso para adentrar no local, a mesma sofre diversos incidentes que acabam por descaracterizar sua aparência usual. Posteriormente, ao conseguir infiltrar-se no casamento, a personagem decide realizar seu discurso de madrinha, que tanto se esforçou para elaborá-lo. Ao efetua-lo, de forma desesperada, dado que tentavam impedi-la, a mesma, pela primeira vez expressou seus reais sentimentos e pensamentos, sem preocupar-se com a classificação que receberia. Prontamente, os convidados começaram a negativá-la, em pânico ela ameaça o marido de Naomi, o que, conseqüentemente, a leva à detenção. Nesta, Lacie tem seus aparelhos de classificação retirados, sendo estes, lentes de contato eletrônicas e celular. Ao término do episódio, a protagonista encontra-se em uma cela na prisão, totalmente despida do que era anteriormente. Lacie começa a trocar insultos com outro prisioneiro e sua raiva mútua transforma-se em catarse mútua, ao perceberem que estão livres para bancarem seu próprio eu.

Como torna-se possível chegar a este futuro distópico elaborado pelo episódio? O documentário *O Dilema das Redes* parece indicar que este já chegou. O mesmo oferece explicações

acerca do funcionamento destas tecnologias e da administração corporativa por trás das mesmas, refletindo então sobre as novas formas de interação estabelecidas com o surgimento das redes sociais. Dessa maneira, este documentário é a seguinte obra a ser explorada. Sobre o mesmo, Sepulveda (2021) explica que, possui como objetivo o levantamento de discussões a respeito da função e dos efeitos prejudiciais das redes sociais a nível individual e coletivo. Destacando-se, a apresentação dos métodos de manipulação como estratégia para a obtenção do lucro em detrimento do bem estar dos usuários.

A partir disso, propõe-se a sinopse do documentário conforme a descrição das temáticas levantadas por este. Inicialmente, a obra realiza uma apresentação do que será trabalhado ao longo do filme, deixando uma pergunta para ser investigada pelo mesmo, “Qual é o problema?” (O DILEMA DAS REDES, 2020). Tal questionamento será discutido por engenheiros, cientistas e investidores do campo tecnológico, sendo estes os convidados para as entrevistas que norteiam o documentário.

“Isto é normal ou todos nós caímos em algum tipo de feitiço?” (O DILEMA DAS REDES, 2020), questiona o ex-designer da Google e co-fundador do Centro de Tecnologia Humana, Tristan Harris. Os entrevistados partem da premissa de que há algo errado na indústria tecnológica, no entanto, existem desafios para definir exatamente qual é a problemática e delimitar onde a mesma localiza-se. Isto porque, estes apontam para a existência de diversas falhas e a ampla difusão das mesmas pelas redes e sociedades. Todavia, em uma tentativa de analisar alguns aspectos do contexto relacional contemporâneo, o documentário, em um primeiro momento, opta por compreender como se dá o funcionamento destes mecanismos tecnológicos. Sobre isso, Harris apresenta a importância e influência do design⁵ sobre a população, onde através desta operação possibilita-se a atratividade e o engajamento do público-alvo em determinado aplicativo ou programa. O mesmo explica que as organizações possuem um grupo de designers, que conseguem através do desenvolvimento de ferramentas como as notificações e a estética de seus serviços, impactar bilhões de pessoas, as quais têm suas formas de pensar e agir alteradas graças às mudanças pensadas por eles. Isto porque, o design é a tecnologia persuasiva aplicada intencionalmente ao extremo, onde deseja-se modificar uma conduta de acordo com alguns interesses.

Dessarte, sabe-se que existe uma relação direta entre o alcance de público e a monetização recebida, fator que gera a constante competição entre empresas de tecnologia, que investem constantemente em inovações para ininterrupta e expressiva captura de um maior público e, conseqüentemente, maior arrecadação. Neste sentido, é válido pontuar, também, o deslocamento da

⁵ “O design envolve a produção não só de objetos materiais, mas também de interfaces gráfico-digitais, utilizadas para a interação no ciberespaço. Existem pontos de contato entre o design de informação e o design de interfaces, uma vez que ambas as disciplinas lidam com informações e signos” (QUINTÃO; TRISKA, 2014, p. 105).

audiência televisiva para a internet, fazendo então com que o espaço virtual seja o ambiente propício à veiculação de anúncios publicitários. Sobre isso, Tim Kendall, ex-diretor do Facebook, afirma que percebeu nos anúncios publicitários a fonte mais adequada e promissora para a arrecadação de monetização. A respeito disso, verifica-se que a interconexão mundial de comunicação ao proporcionar diferentes formas de interação e de sociabilidade, oferece ao âmbito mercadológico a necessidade de reconfigurar suas práticas publicitárias, seja com base no seu discurso, seja nas possibilidades interacionais. Isto porque, a principal diferença entre a Televisão e a Internet está na não linearidade da leitura das informações, a internet é um espaço no qual o consumidor se relaciona com o mercado de forma participativa. Uma vez que, o consumo atualmente tem sido uma prática inerente ao cotidiano dos indivíduos, ele não responde apenas ao bem-estar econômico e social, ele está ligado aos valores e práticas tipicamente pós-modernas, dentre eles: o individualismo, o corpo, a imaterialidade, a mobilidade e o imaginário (SILVA; BRITO; NICOLAU, 2012).

Seguindo este viés, companhias como o Google e o Facebook são colocadas em foco, com a finalidade de compreender como e porque esta engrenagem lucrativa funciona. Percebe-se que nos últimos dez anos, há uma mudança no produto a ser comercializado, atualmente as maiores empresas que atuam nesta área, trabalham através da venda de usuários. Considerando que os anunciantes pagam pela exibição de seus produtos e estes são comprados pelos usuários conectados, logo o público que utiliza essas plataformas é o que está sendo vendido.

Os entrevistados explicam que o objetivo de redes sociais como, Facebook e Instagram, é manter os usuários conectados em frente à sua tela, sendo este, o modelo de negócios atual. Investe-se em estratégias para capturar a atenção de uma pessoa o maior tempo possível, “Quanto tempo podemos fazer com que veja? Quanto tempo de sua vida podemos fazer com que nos dê?” (O DILEMA DAS REDES, 2020). Tendo isso em vista, compreende-se, em definitivo, que o produto é a mudança gradual e imperceptível no comportamento e percepção das pessoas. Este cenário constitui-se como uma “utopia possível” para as empresas, onde existe a segurança que ao vincular um anúncio a internet o mesmo terá êxito. Tal segurança parte do estabelecimento de boas predições, estas tornam-se exatas e exitosas, através do levantamento e verificação de um volumoso número de informações.

A informação é um ponto crucial de discussão pela obra, haja vista que a mesma fornece subsídios necessários para a operação destes sistemas tecnológicos e de sua influência eficaz e ininterrupta sobre a população, através da vigilância. Tudo que efetua-se online está sendo vigiado, rastreado e medido. Cada ação é monitorada e registrada detalhadamente, por exemplo a imagem que o usuário visualiza em seu smartphone, bem como a quantidade de tempo que a observa. Segundo os entrevistados, é possível deter informações dos mais variados tipos a respeito de

determinado sujeito, que envolvem seus sentimentos, quando estão solitários e deprimidos, o que visualizam durante a madrugada, se possuem personalidade introvertida ou extrovertida, quais são suas neuroses, enfim, modos de subjetivação capturados. Dessa forma, entende-se que empresas como o Facebook e Instagram, não visam a venda dos dados dos usuários, mas sim, a utilização destes para a construção de modelos que predizem as ações do sujeito, o modelo mais assertivo é posto em operação. Todo este exposto está configurado com algoritmos, os responsáveis por fazerem com que a métrica aumente.

Anteriormente, entendeu-se que estes são voltados para alguns objetivos, como a constante visualização e permanência. Para obter essas metas, a tecnologia persuasiva elaborou alguns mecanismos, como a rolagem infinita os modos de deslizar e atualizar, que assemelham-se às máquinas de sorte, além da marcação em fotos, uma vez que quando existe uma situação onde o sujeito foi mencionado, torna-se mais fácil obter sua atenção.

Os interlocutores explicam quais foram as mudanças sofridas através da Inteligência Artificial. Em resumo, a sociedade passou de um contorno tecnológico que produzia ferramentas, para um contorno baseado em vícios e manipulação. As redes sociais não são mecanismos que esperam para serem utilizados, estas possuem suas próprias metas e os métodos para atingi-las, utilizando a psicologia subjetiva dos sujeitos contra eles mesmos.

Destarte, O dilema das redes aborda como se dá a relação entre a população jovem e a virtualidade. Isto porque, a atual geração assim como a próxima, desenvolveram-se em um mundo onde a internet e os processos tecnológicos estão instaurados no seio da sociedade. Devido a isso e aos aspectos supracitados, os entrevistados compreendem que a nova era da informação traz inúmeros malefícios e desafios à saúde mental deste grupo. A começar pela questão estética, a qual é constantemente dissociada de sua condição natural, onde por meio da utilização de filtros que transformam a aparência real em padrões de beleza ideais, estimula-se a obtenção do mesmo, ainda que seja inatingível, o que gera uma série de sofrimentos psíquicos.

As redes sociais potencializam a fragilização da identidade pessoal e autêntica por meio de algumas funções presentes nestas. As opções de “gostei”, “não gostei”, sessão para comentários e a exposição do número de curtidas, exacerbam a ansiedade e a autodepreciação, em razão de que os sujeitos ingressam em um constante movimento de validação através do olhar do outro. De acordo com Chamath Palihapitiya, ex-vice-presidente de crescimento do Facebook, as recompensas oriundas dos mecanismos de popularidade, como corações e gostei, são estabelecidas como parâmetros de valores e da verdade. O que, de forma acrítica e contínua, faz com que os usuários ingressem em um ciclo vicioso de necessidade de publicar e produzir, visando assim mais recompensas. Dessa forma, a popularidade é frágil e inconsistente, tornando o sujeito mais suscetível à uma existência vazia de sentido.

Em seguida, o documentário também aborda a evolução de alguns sistemas comunicacionais, mencionados por este trabalho no tópico anterior, e suas capacidades de influenciar e viciar seus usuários. A começar pela imprensa e os jornais até o surgimento da televisão, cada uma com estratégias e recursos diferentes em sua época. No entanto, apesar da adaptação a todas estas evoluções tecnológicas ao longo da história, atualmente, as redes sociais mostram um diferencial em relação aos aparelhos anteriores, o crescimento exponencial da tecnologia. Tal crescimento não acompanha a evolução fisiológica dos seres humanos. Por conseguinte, discute-se sobre a tecnologia como uma “ameaça existencial”, compreendendo que a ameaça à nossa existência, encontra-se na habilidade da tecnologia em captar e utilizar o pior da sociedade, sendo isto o risco à existência humana.

Partindo-se desta premissa, o artigo visa utilizar-se da perspectiva fenomenológica existencial para discutir os conteúdos levantados até o momento. Isto porque, na fenomenologia existencial entende-se que, de acordo com Erthal (1994), o indivíduo não está feito, este se constrói constantemente a partir das influências que sofre do mundo e da forma como impacta este mundo também. E, é com esse ser-no-mundo, em constante criação, que trabalha-se com diversos conceitos, como, para-si, para-outro, consciência irreflexiva, entre outros exemplos que serão vistos a seguir.

QUEDA LIVRE, O DILEMA DAS REDES E A CONTEMPORANEIDADE À LUZ DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL

A fenomenologia existencial, movimento filosófico surgido na Europa após as grandes guerras, encarrega-se da investigação direta e da descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente. Fenômeno, é compreendido pela fenomenologia como aquilo que aparece e se manifesta para uma consciência (BICUDO, 1994). Segundo Jolivet (1975), entende-se por existencialismo o conjunto de ideias filosóficas que encarregam-se de analisar e descrever a existência concreta, a partir da utilização da liberdade para a fundamentação da afirmação de si.

A partir desta abordagem psicológica e filosófica a presente pesquisa pretende iniciar seu estudo elucidativo sobre algumas concepções existenciais que conversam com as obras *Black Mirror: Queda livre* e *O Dilema das Redes*, bem como os aspectos vigentes da sociedade contemporânea marcada pela virtualidade.

Sabe-se que na ótica existencial o sujeito é visto em sua totalidade, não sendo em nenhum momento desvinculado dos diversos contextos que o perpassam, sejam sociopolíticos, histórico-culturais e relacionais (FREITAS, 2011). Dessa forma, a fenomenologia existencial fornece algumas noções sobre as experiências concretas dos homens e sua relação com o mundo (HOLZER,

1997). E sobre esta relação, compreendida como ser-no-mundo, que o presente artigo inaugura suas reflexões acerca de alguns conceitos desta teoria.

Partindo-se da premissa que a descrição fundamental do ser humano é como ser-no-mundo, haja vista a impossibilidade de dissociá-los, entende-se que através da investigação do modo de ser-no-mundo, encontrar-se-á a condição primária para a compreensão do ser do homem. Tendo isto em vista, o filósofo alemão Martin Heidegger, estabelece o termo Dasein, para identificar o modo de ser humano (ROEHE; DUTRA, 2014). Literalmente, Dasein significa ser-aí, baseado sempre em sua existência, este é a possibilidade de ser ele mesmo ou não (CARDINALLI, 2015). Em um estudo precedente, a mesma autora ainda faz algumas considerações acerca das motivações em torno da criação deste termo. Dessa forma, ela expõe que Heidegger utiliza-se do ser-aí (Dasein) para explicitar que: “o ser humano é um acontecer (Sein) que ocorre no aí (Da), lançado no mundo e, assim, ek-sistere, isto é, existe nesse movimento para fora” (CARDINALLI, 2004, p. 58).

O mundo, para a fenomenologia existencial, é explicado através da consciência. Isto porque, “pela consciência, o homem (Dasein) está aberto a si mesmo, aos outros homens, aos outros entes, ao ser. E isto é mundo” (DETTONI; DETTONI; DETTONI, 2016, p. 106). Seguindo este prisma, constata-se que o mundo é esta abertura unicamente tangível pelo homem, em razão de ser o único ente que possui consciência de sua existência (MAMAN, 2007). Soma-se a isso, Dettoni, Dettoni e Dettoni (2016) acreditam também, que a possibilidade desta abertura para o ser se dá por meio da linguagem, forma de comunicação discutida na primeira tônica deste trabalho.

Respalhando-se nesses aspectos referentes ao sujeito ser lançado ao mundo e que esta abertura para o ser se dá por meio da linguagem, ou seja, da comunicação, faz-se importante, afinal, levantar a seguinte questão: Qual é este mundo, em termos globais, compartilhado entre os sujeitos atualmente?

Com base na investigação do tópico anterior, as obras *O Dilema das redes* e *Queda livre* nos subsidia neste entendimento. Ao observar-se as discussões feitas pelas duas produções, ainda que umas delas, *Queda livre*, seja em formato fictício, identificam-se elementos que compõem o cenário universal contemporâneo, marcado pelo estabelecimento da virtualidade como espaço de comunicação e relações.

A virtualidade é um assunto complexo para uma definição, são múltiplos os entendimentos a respeito desta e sobre como a mesma impacta à hodiernidade. No entanto, será considerada aqui, como um movimento de transição do atual para o virtual, onde o aqui e o agora são reconfigurados. Isto porque, os elementos que compõem a experiência virtual são considerados dinâmicos, móveis, estão dispersos em todos os lugares. Por conta disso, trabalha-se muito com o conceito de “desterritorialização”, dado que embora suportes físicos e palpáveis existam, a virtualidade não possui, concretamente, um lugar (PIMENTA, 2001).

Lévy (1996, p. 21) elucida que:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente.

Assim como visto em *O Dilema das Redes*, a contemporaneidade é tecida por uma importante linha que perdura por toda à história da humanidade, no entanto, estabelece-se agora, através da virtualidade e, ou, do ciberespaço⁶ como a protagonista de uma nova era, a da informação (O DILEMA DAS REDES, 2020). Silva, Teixeira e Freitas (2015) discorrem que a ausência de tempo e espaço, instaurando assim uma temporalidade construída no instante, contribuiu para a fragilização da narrativa histórica que perdurava até a Era Industrial, em razão da rapidez das ações e relações, criam-se novas características que já não podem ser remetidas a um passado, haja vista que estas indicam uma nova configuração social, demarcando assim a chamada: Era da Informação.

A informação neste contexto desterritorializado e não linear é o que engendra todo o funcionamento deste domínio ininterrupto da tecnologia e das redes sociais sobre as diversas comunidades globais. Como observado em *O Dilema das Redes*, toda movimentação realizada online é rigorosamente vigiada, registrada, rastreada e medida. Por meio de informações acerca da imagem e da quantidade de tempo que o usuário visualiza em seu smartphone, além dos perfis que o mesmo se interessa, é possível deter informações do mais variados tipos a respeito dos modos de subjetivação de determinado sujeito (O DILEMA DAS REDES, 2020). Dessa maneira, utilizando-se da inteligência artificial, as empresas de tecnologia, assim como os anunciantes publicitários, investem constantemente no aperfeiçoamento dos algoritmos. Estes, conforme o estudo de Gillespie (2018, p. 97):

[...] são procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados [...]. Podemos considerar como algoritmos, por exemplo, instruções de navegação ou fórmulas matemáticas usadas para prever o movimento de um corpo celestial [...]. Os algoritmos desempenham um papel cada vez mais importante na seleção das informações consideradas de maior relevância para nós, um aspecto fundamental da nossa participação na vida pública. As ferramentas de busca nos ajudam a navegar em grandes bases de dados ou por toda a web. Os algoritmos de recomendação mapeiam nossas preferências em relação a outros usuários, trazendo ao nosso encontro sugestões de fragmentos novos ou esquecidos da cultura. Eles gerenciam as nossas interações em sites de redes sociais, destacando as novidades de um amigo enquanto excluem as novidades de outro.

⁶ “espaço não físico ou territorial, composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam” (LEMOS, 2002, p. 136).

Dadas as noções iniciais acerca deste mundo digital-virtual compartilhado entre os entes, compreendeu-se até o momento que “o homem é produto e produtor de sua realidade, e esta também faz parte da história de outros homens, devido à relação de interdependência entre os homens e destes com o mundo” (SILVA; TEIXEIRA; FREITAS, 2015, p. 178). No que tange esta relação dos homens entre si, percebe-se, mediante a análise das obras, que o caráter contraditório e inautêntico desta relação dialética entre sujeito e mundo efetua-se também no espaço virtual. Portanto, neste momento, a presente monografia busca adentrar nos aspectos mais subjetivos procedentes deste cenário.

O episódio *Queda Livre* da série *Black Mirror*, parte da máxima que: “o retrato das redes sociais reflete uma avaliação das relações do Ser a partir de números. Busca-se o maior número de seguidores, o maior número de curtidas, o maior número de visualizações” (GALINNA; VENTURINI, 2020, p. 39). O que é reiterado por *Dilema das Redes*, que demonstra como as plataformas digitais, à exemplo as redes sociais, por intermédio de ferramentas como “gostei”, “não gostei”, sessão para comentários, exposição do número de curtidas e visualizações (O DILEMA DAS REDES, 2020), instigam no sujeito a constante busca pela validação através do olhar do outro. E, é sobre este ser-para-outro que inclinar-se-á a discussão agora.

Sartre, ao inverter de modo absoluto a perspectiva da experiência com o Outro, colocou-nos absolutamente despidos frente a um olhar que tem a capacidade de nos dar uma identidade; ou seja, não basta conceber o Outro como aquele que está sempre vulnerável ao meu olhar, mas o Outro é aquele que olha e, através do seu olhar, apodera-se da minha subjetividade (SILVA, 2020, p. 20).

Em um viés de codependência para a validação pessoal e identitária, por intermédio da virtualidade e das redes sociais, a relação com o outro tornou-se mais estreita e impactante do que jamais vista antes (O DILEMA DAS REDES, 2020). Com o intuito de nos aprofundarmos no entendimento do excerto acima bem como das experiências contemporâneas, faz-se necessário, primeiramente, discorrer sobre o ser-em-si e o ser-para-si, para em seguida tratarmos do para-outro.

Entende-se que o ser-em-si está vinculado à uma ideia à priori, ou seja, parte de uma formulação previamente realizada, por conta disto, sua essência é predestinada por uma determinada utilização. Dessa forma, a fenomenologia existencial o relaciona com os objetos que integram o mundo, haja vista que não possuem temporalidade, ou seja, passado, presente e futuro. O Em-si é o que puramente é. Em contrapartida a estas características, o para-si é o humano, o próprio homem. Isto porque, o sujeito, para esta abordagem, não parte de uma essência e concepção inicial, de uma predestinação, mas sim de um constante movimento que forja sua essência ao longo de sua existência. Primeiro existe e depois se constrói. Além disso, estes aspectos temporais também são unicamente pertencentes ao Para-si, pois o mesmo experimenta sua existência estando vinculado a um determinado momento e contexto histórico. Portanto, compreende-se que o Para-si, ao ter que

elaborar sua própria essência por meio de suas escolhas e sua relação dialética com o mundo, apresenta a dimensão subjetiva, assim, é ele quem dá sentido ou não, a realidade presente (FILHO, 2018). Dentro desta realidade, está inserido o Outro.

O outro deve fazer parte de minha consciência desde o nascimento, como parte constituinte do meu Ser. Há uma predisposição ontológica do Para-si para reconhecer o outro enquanto sujeito. Assim, o outro, primeiramente, existe para mim como estrutura do Para-si que sou, seu corpo aparece depois, quando o encontro (PERDIGÃO, 1995, p. 138).

Sobre a relação do para-si com o outro, Marques e Camargo (2016, p. 176) afirmam que "Quando o para-si vê o outro, ele o tem como objeto no meio do mundo e, ao mesmo tempo, como homem. Entre o outro e aquilo que o circunda, o para-si pode estabelecer medidas, distâncias e valores, mas essas mesmas realidades são estabelecidas também pelo outro". Isto significa que o outro não experiencia as medidas criadas pelo para-si, uma vez que constrói suas próprias a partir de sua perspectiva. No entanto, este outro somente torna-se sujeito à medida em que o para-si percebe a possibilidade de ser visto e captado por ele e, uma vez feito isso, passa a ser objeto em seu mundo também (SILVA, 2014). Desse modo, "o fato de poder ser olhado pelo outro pode conferir a este a configuração de sujeito de uma relação que faz com que o para-si experimente sua exterioridade e viva o seu ser-para-outro". (MARQUES; CAMARGO, 2016, p. 176).

O ser-Para-outro é uma dimensão constitutiva da realidade humana, de modo que não podemos pensar o Para-si sem que ele seja ao mesmo tempo Para-outro. A realidade humana é Para-si-Para-outro em todos os modos por meio dos quais ela se encontra na existência. Por meio do Para-outro, a realidade humana capta-se como objeto para outra consciência, tornando-se um objeto que o outro vê e que deve sustentar as qualificações que o outro lhe atribui (JUNIOR, 2016, p. 78).

À vista disso, em *Queda Livre e O Dilema das Redes*, constata-se a facilidade do Ser em perder-se na alienação originada a partir da objetificação deste olhar do outro, realizada por intermédio das redes sociais. "O olhar objetiva, torna o objeto contemplado, *ser-visto-pelo-outro* é o mesmo que sujeito objetivado, é um círculo vicioso de liberdade e de alienação" (SILVA, 2014, p. 59). Isto porque, o olhar do outro direciona-se ao nível da consciência irrefletida do Ser, assim dizendo, o olhar não aparece como um fenômeno passível de conhecimento, em um primeiro momento, entre o outro e o para-si, ele é vivido na consciência não-tética de si (SILVA, 2020). Conforme Sartre (2009, p. 338).

Capto o olhar do outro no próprio cerne de meu ato, como solidificação e alienação de minhas próprias possibilidades. Com efeito, essas possibilidades que sou e que constituem a condição de minha transcendência, sinto-as pelo medo ou pela espera ansiosa ou prudente, como dadas à um outro, em outra parte, para serem transcendidas, por sua vez, pelas próprias possibilidades dele. [...] Sem dúvidas, sou sempre minhas possibilidades, ao modo da consciência não-tética (de) tais possibilidades; mas, ao mesmo tempo, o olhar me aliena destas possibilidades: até então, eu captava teticamente essas possibilidades sobre o mundo e no mundo, a título de potencialidades dos utensílios. [...] Mas, com o olhar do outro, uma organização nova nos complexos vem se sobrepor à primeira.

Por conseguinte, ao alienar e solidificar as próprias possibilidades de seu ser, relegando-as constantemente à outrem, perde-se todo o acesso a autenticidade da vida e da realidade (COSTA, 2012). Aspectos que relacionam-se à má-fé, conceito sartreano, que denota as atitudes de negação de uma pessoa com relação a si própria (BOCCA, 2019). Segundo Póvoas (2007), a partir da má-fé o sujeito busca fugir de suas escolhas, responsabilidades e angústias, ela é o ato de mentir para si mesmo, com a intenção de esconder algo da própria consciência.

Circunstâncias estas identificadas e elaboradas nas duas produções por este artigo abordadas, além da contemporaneidade experimentada. Como visto, a realização das avaliações virtuais, curtidas, comentários e visualizações, colocam o sujeito atual, assim como Lacie Pound, protagonista de *Queda Livre*, em uma constante atitude de supervalorização da percepção que os demais têm a respeito dela. Voltando-se raramente para-si, logo, a mesma dedica-se a treinar maneiras de agradar e satisfazer as expectativas dos outros (XAVIER, 2017). Consoante a isto, encontra-se a pesquisa intitulada *Corpo para mostrar: o autorretrato nas redes sociais*, que aborda a representação do sujeito a partir de uma conexão direta com as expectativas daqueles que integram sua rede. Portanto, verifica-se que os discursos são formados, transformados ou mantidos, de acordo com as interações que o sujeito estabelece. Sendo então, os perfis pessoais pensados para mostrar e convencer a respeito de algo. Em suma, essa é a essência das redes sociais, consideradas como as “vitrines humanas”, revelar ou inventar discursos identitários para serem vistos. O que há de ser visto, assim como apresentado nas produções trabalhadas, é o corpo (MIRANDA, 2012).

De acordo com Schneider (2011, p. 120): “O corpo é nossa relação originária com as coisas, é a revelação de nossa relação com o mundo”. Ao pensar-se no corpo e em sua relação com o mundo virtual, Silva, Teixeira e Freitas (2015) postulam que uma das diferenças entre o ciberespaço para o contexto ao vivo, é a inexistência de um locus capaz de suportar a concretude do corpo. Por conta disto, as relações efetuam-se na ausência do corpo organismo. Pensando nisso, cria-se o termo Corpo sem Órgãos, ou, CsO, para designar o corpo em âmbito virtual (SCHÖPKE, 2017). A respeito disso, Santos e Ribeiro (2018, p. 61) discorrem que:

A virtualização do corpo proporciona ao usuário manipular não somente objetos remotamente, mas sua própria imagem ou avatar produzido discursivamente na rede. Em uma rede social como o Facebook ou Instagram são criadas diferentes texturas para este tipo de existência tão única, um corpo com várias peles produzido por diferentes mecanismos como filtros, enquadramentos e textos que oferecem à imagem ou vídeo do usuário múltiplos efeitos de sentido, segundo o desejo do internauta. Neste sentido, o CsO opera como uma condição de intensidades que faz circular uma demanda. É como um ator, que ao encarnar a personagem, precisa se desfazer de seu corpo físico, de sua personalidade e se refazer na personagem, reconstruir outra identidade a partir de intensidades estranhas à condição de sua personalidade. Somente criando para si um CsO, fará presente esta existência dentro da existência, um corpo novo, ressignificado, a personagem construída que fará circular o texto.

Dessarte, *Queda livre* e *O Dilema das redes*, demonstram como essa performance é dramatizada na hodiernidade, apontando então para o uso das fotografias como ferramenta de autopromoção e interação com os demais. “Essas fotos são criadas e manipuladas para que os indivíduos, através da linguagem conotativa da fotografia, se criem do modo muito menos como são e muito mais como gostariam de ser vistos” (MIRANDA, 2012, s/p).

Toda esta exposição realizada até aqui, embasa e justifica a utilização dos conceitos existenciais, como ser-no-mundo, ser-para-outro, inautenticidade e má-fé como forma de descrever e investigar o contexto histórico-social contemporâneo aludido pelas produções artísticas selecionadas. Isto porque, percebe-se que a personagem Lacie representa os modos de ser e estar do sujeito no mundo real e atual, onde “sua expressão não autêntica de viver indica não saber diferenciar os poucos valores que possui daqueles que lhe foram impostos” (ERTHAL, 1994, p. 207). Posto que, observa-se um projeto de “ser-para-o-outro, cujo Eu fracassado foi interiorizado pelo olhar do outro. Sem passar pelo seu senso crítico, a fim de poder escolher com mais reflexividade sobre o que criaram para ela” (FREITAS, 2011, p. 212). E, de acordo com *O Dilema das Redes* (2020), é justamente por conta desta alienação às suas vivências, que torna-se irrealizável o desenvolvimento do senso crítico e conseqüentemente da capacidade de realizar escolhas autênticas para a vida.

Esta conjuntura, na filosofia existencial, considera o sujeito como decadente. Em uma alusão ao título do seriado *Queda Livre*, focando-se na palavra queda, pode-se conceber a decadência do sujeito, como o esquivar do homem de seu próprio ser (FERREIRA, 2001). Sobre isso, compreende-se que: “o ser-no-mundo pode ser autêntico ou inautêntico, de acordo com o seu assumir-se livre e responsabilmente ou seu não assumir-se, seu deixar-se ser, de certa forma decaído em neutralidade semi-responsável ou irresponsável” (DETTONI; DETTONI; DETTONI, 2016, p. 107).

Este ente lançado ao mundo, deve assumir suas possibilidades de ser para forjar a sua existência. O que cada um pode ser só pode ser efetivado por ele mesmo e não por outrem, o que remete ao homem que está só no mundo (FERREIRA, 2001). No entanto, conforme a mesma autora, é a partir deste dar-se conta de seu ser-no-mundo, que abrem-se as oportunidades do sujeito sair da decadência e imergir na intimidade de seu ser. O contrário dessa atitude, é o que já destacou-se no decorrer deste trabalho, no entanto, agora somar-se-á mais um termo, consciência irreflexiva. “É irreflexiva, pois não depende do conteúdo psíquico do eu. O que é psíquico só pode ser apreendido pela reflexão” (ERTHAL, 1994, p. 42). Esta consciência irreflexiva, segundo Moreira e Rosa (2014, p. 414) “é aquela com a qual se vive a maior parte do tempo, que não posiciona o eu para si, ou seja, que não questiona sua situação no mundo na relação entre consciência e objeto”.

Portanto, entende-se que somente a partir de um movimento de voltar-se para-si, de forma mais crítica e reflexiva, é que possibilita-se a saída da decadência. Assim, por meio da tomada de consciência em relação ao seu ser-no-mundo, a sua historicidade, temporalidade, ao outro e para-si, que o sujeito torna-se consciente de ser ele mesmo e não outro (DETTONI; DETTONI; DETTONI, 2016). O que é reiterado por Gusmão e Pizzarro (2009, p. 88):

É necessário que o indivíduo tome conhecimento de sua imagem para que, então, possa assumi-la de forma responsável, no sentido de fazer suas escolhas. O crescimento se dá através das escolhas livres que o indivíduo faz com segurança e estabilidade.

A importância desta, é explicada por Thomas Flynn, que estabelece:

A base da liberdade sartreana é ontológica: somos livres porque somos não um "eu" (um em-si), mas uma presença para-si (transcendência ou "niilificação" do nosso "eu"). Isto implica que somos "outros" para nossos "eus", que tudo o que somos ou o que outros podem atribuir a nós, somos "na maneira de não sê-lo", isto é, na maneira de ser capaz de assumir uma perspectiva com respeito a isso [...] A tal liberdade corresponde a uma responsabilidade coextensiva. Somos responsáveis por nosso "mundo" como o horizonte de sentido em que operamos e, portanto, por tudo que está nele, desde que o seu significado e valor sejam atribuídos por força de nossa "escolha" fundamental de orientação da vida (FIYN, 2013, p. 08)

Sobre a escolha fundamental, *Queda Livre e O Dilema das Redes*, encerram suas obras indicando para a possibilidade de transcendência das facticidades instauradas, através do engajamento no projeto fundamental do ser. “O projeto fundamental é a totalidade dos desejos, anseios, escolhas e condutas que uma pessoa adota em sua vida junto aos outros para realizar os seus fins” (SASS, 2016, p. 111).

Ainda no que tange a relação do projeto e do para-si, é possível sintetizar as noções em torno destes dois conceitos da seguinte maneira:

O projeto define e, ao mesmo tempo, atualiza o Para-si. A liberdade não é algo incondicional, mas sim, limitada, em outros termos, liberdade em condição. Condição essa inerente à situação criada pelas ações. Embora o projeto não possa ser reduzido aos atos, são esses atos que revelam o projeto, [...] é pelo engajamento que o Para-si poderá construir seu futuro. Engajando-se o homem entenderá e poderá mudar seu presente. Para tanto, é pela práxis que o Para-si revela qual é sua eleição originária de si - seu projeto fundamental [...] Notemos que, para Sartre, o projeto está, portanto, intimamente vinculado com o ser do Para-si, pois, sendo o Para-si um ser incompleto, logo, uma falta, age no mundo em prol de seu acabamento. Portanto, uma totalização-em-curso, cujo desejo é o de efetivar sua completude. Sartre nos mostra que o empreendimento humano é de atingir o status ontológico de ser-Em-si-Para-si, sem que isso comprometa sua condição de sujeito consciente (BOCCA, 2019, p. 149-150).

Das análises efetuadas até o momento, assimila-se que ao ser lançado no mundo, o sujeito Para-si tornar-se-à aquilo que fará de si, por meio de suas ações. Diante disto, é possível entender que a realidade humana define-se por ser situada, portanto, histórica. Dessa forma, compreende-se que o exercício do Para-si no mundo, ocorre em uma dada situação, que é concreta, definida e

também delimitada, impondo desafios ao mesmo no que concerne o desenvolvimento ou a manutenção de sua autenticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante as discussões realizadas, pode-se constatar que foram significativas as transformações provenientes do estabelecimento da virtualidade como espaço de comunicação, especialmente, no que concerne ao modo do sujeito se colocar e agir no mundo. Ao abordar-se as significações e os desdobramentos dos termos Dasein, o ser-aí, ser-em-si-para-si, ser-para-outro, inautenticidade, má-fé e consciência irreflexiva, foi possível pensar de qual maneira se dá a existência do ser, situado em um momento histórico, permeado pela tecnologia e pela virtualização das relações.

Vivemos em uma era de estímulos visuais, como fotos, imagens, vídeos e qualquer conteúdo oferecido por uma tela luminosa. Deste modo, saber interpretar os elementos visuais consumidos e disseminados pela sociedade, tornou-se fundamental para as pesquisas acadêmicas e científicas da atualidade (LANGER, 2004). Neste sentido, as obras *Queda livre* e *O Dilema das Redes*, subsidiaram nosso entendimento a respeito de um assunto que ainda apresenta uma escassez de investigações pela literatura em Psicologia (SILVA; TEIXEIRA; FREITAS, 2015). Sobre isso, a partir da compreensão do percurso histórico e evolutivo dos sistemas de comunicação, fez-se possível analisar como o advento e o intenso desenvolvimento das tecnologias contemporâneas impactam o tecido social, assim como os comportamentos dos sujeitos na hodiernidade. Uma vez que, assim como comprova Alves e Mancebo (2006, p. 45), tais tecnologias “penetram as dobras sociais, influenciando cada vez mais as formas de relacionamento entre os sujeitos, produzindo processos de subjetivação subsidiados pela lógica digital”.

No que tange estes processos, observou-se que o ser humano, através da tecnologia e das redes sociais, modificou a forma com que relacionava-se com o tempo, o espaço, a informação, o corpo e com o outro, em suma, reconfigurou-se todo o contexto existencial. Neste, a existência é marcada pela possibilidade de não ser o que se é. O modo acrítico e padronizado de viver dos usuários, é o que possibilita às empresas do ramo tecnológico adquirirem maior monetização, por conta disto, utilizam-se de diversos mecanismos, como algoritmos, para a construção de modelos que predizem as ações do sujeito no mundo, engajando-os cada vez mais em um movimento que os distanciam do ser-para-si e aproximam-se mais do ser-para-outro, visando dessa forma, a insaciável necessidade de validação pelo olhar do outro através do consumo de diversos recursos.

No entanto, compreendeu-se também, por intermédio das produções artísticas e da abordagem fenomenológica existencial, que é quando o ser encontra-se neste estado de decadência, que

possibilita-se a percepção de sua angústia. Uma vez tendo estabelecido uma maior movimentação crítica e reflexiva em direção ao seu ser, o sujeito passa a perceber a si mesmo e ao mundo de maneira mais autêntica, o que viabiliza a construção de seu projeto de si ou projeto fundamental, acabando por retirá-lo da decadência ou, melhor dizendo, da “queda livre”.

Em conclusão, a objetificação do olhar do outro, a facilidade em perder-se na inautenticidade e na má-fé, as dificuldades em construir um projeto de si e a utilização do mundo virtual como ferramenta de satisfação e aprovação do ser, “são fatores que fazem com que o Ser se perca no mundo das possibilidades. Compreender o modo de viver do Ser que está inserido neste ciberespaço ainda é algo novo que deve ser melhor explorado” (GALLINA; VENTURINI, 2020, p. 47).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, K. C. K.; SILVA, R. S. História e Tecnologias da Televisão. **Biblioteca online de ciências da comunicação**, 2012 Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2021.
- ADÃO, C. M. C. J. **Tecnologias de Streaming em Contextos de Aprendizagem**. 2007. 181 f. Dissertação - (Mestrado em sistemas de informação) - Escola de Engenharia, Universidade do Minho, Guimarães, 2007.
- ALMEIDA, J. M. F. Breve história da Internet. **Repositorium**, 2005. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3396>>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- ALVES, P. P.; MANCEBO, D. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/LvfWyf4hCy5BzTLvm4rLBc/?lang=pt>>. Acesso em: 19 out. 2021.
- BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. **Pesquisa qualitativa em educação: Um enfoque fenomenológico**. São Paulo: Editora Unimep, 1994. p. 15 - 22.
- BOCCA, M. C. **A transcendência vivida em temporalidade: Sartre e a experiência psicopatológica**. 2016. 370 f. Tese (Doutorado em filosofia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019.
- CALABRE, L. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 60 p.
- CARDOSO, M.; JUNIOR, T. P.; JUNIOR, F. L. A sociedade excitada e a busca de sensações: uma análise fílmica de black mirror. **Revista Comunicação & Sociedade – C&S**, v. 41, n. 1, p. 283-308, jan./abr./2019.
- CASTELLS, M. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001. 231 p.
- CAVALCANTE, F. R. Aplicativos para smartphones que possibilitam o lazer em tempos de lockdown: entre a socialização, o entretenimento e as práticas corporais. **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - UFMG**, v.23, n.3, p. 369 - 390, set. 2020.
- CAZELOTO, E. A virtualização das comunidades: apontamentos para uma crítica dos vínculos sociais no capitalismo contemporâneo. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, III, 2009, São Paulo, **ANAIS DE CONGRESSO**, São Paulo: ESPM - Campus Prof. Francisco Gracioso, 2009.
- CARDINALLI, I. E. **Daseinsanalyse e esquizofrenia**. São Paulo: EDUC, 2004.
- _____, I. E. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicologia USP**, v. 26, n. 2, p. 249-258, 2015.
- CENDÓN, B. V. **A Internet**. In: Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. Capítulo 19, p. 275-300.

- COSTA, V. H. R. **Má-fé e psicanálise existencial em Sartre**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.
- COUTINHO, G. L. **A Era dos Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil**. 2014. 67 f. Monografia (TCC em publicidade e propaganda) - Faculdade de comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- DALPIZZOLO, J.; RAHDE, M. B. F. Televisão, comunicação e educação: uma visualidade crítica. In: VIVARTA, V. **Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília: ANDI, 2009. p. 133-144.
- DETTONI, L. L.; DETTONI, J. L.; DETTONI, J. L. O Homem: Ser-No-Mundo-Com-Os-Outros. **Revista de Filosofia da Região Amazônica**, v. 3, n. 2, p. 103 - 113, Ago./Dez./2016.
- ERTHAL, T. C. S. **Treinamento em psicoterapia Vivencial**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FERREIRA, A. M. C. Culpa e angústia em heidegger. In: JORNADA DE PSICANÁLISE DO ESPAÇO MOEBIUS, XI – **Psicanálise, Angústia e Contemporaneidade**, 2001.
- FERREIRA, G. **As lições do seriado Black Mirror**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/blog/startup-digital/post/licoes-do-seriado-black-mirror.html>> Acesso em: 15 out. 2021.
- FILHO, L. O. P. A Diferença do Ser-Em-Si e do Ser-Para-Si em Jean-Paul Sartre. In: III MOSTRA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA, v. 1, n. 1, 2018, Quixadá, **Anais**: <<http://reservas.fcers.edu.br/index.php/mcft/article/view/2602>>. Quixadá: Centro Universitário Católico, 2018.
- FLYN, T. Jean-Paul Sartre. **Investigação Filosófica**, v. 4, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2012/entries/sartre/>> Acesso em: 03 jul. 2021.
- FREITAS, S. M. P. Uma análise existencialista para um caso clínico de transtorno obsessivo compulsivo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 02, n. 17, p. 205-214, jul./dez./2011.
- GALLINA, J. B.; VENTURI, A. F. A. Redes sociais e existencialismo: uma perspectiva fenomenológica sobre o ser. **Interciência & Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 37-50, 2020.
- GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018.
- GOETHALS, K.; AGUIAR, A.; ALMEIDA, E. **História da internet**, 2000. 37 f. Dissertação (Mestrado em gestão da informação) - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto. 2000.
- GUERREIRO, A. D. **História breve dos meios de comunicação: Da imanência pensante a sociedade em rede**. Lisboa: Edlars, 2018. 292 p.
- GUSMÃO, C. S. A.; PIZARRO, C. RECONSTRUÇÃO DA AUTO-ESTIMA ATRAVÉS DA TERAPIA VIVENCIAL. **Perspectivas online**, v. 3, n. 10, p. 87-94, 2009.
- HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista TERRITÓRIO**, v. 2, n. 3, p. 77-85, jul./dez./1997.
- JOLIVET, R. **As doutrinas existencialistas, de Kierkegaard a Sartre**. Porto: Martins, 1975.

JUNIOR, M. I. **O ser-Para-si e o ser-Para-outro: descrições para uma fenomenologia do olhar no jovem Sartre.** 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado em filosofia). Centro de ciências sociais, UERJ, Rio de Janeiro, 2016.

LANGER, J. Metodologia para Análise de Estereótipos em Filmes Históricos. **Revista História Hoje**, s/v, n. 5, p. 1-13. 2004.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina. 2002.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LIMA, B. N. C.; SANTOS, S. M. M.; DANTAS, D. F. Mídia e Novas Tecnologias: A Sociedade em Queda Livre na Série Black Mirror. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XIX, 2021, Fortaleza, **Anais de congresso**, Fortaleza: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

LUCA, T. R.; MARTINS, A. L. (Org.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008. 304 p.

MACEDO, I. et al. Evolução do telefone. In: CONGREGA URCAMP, 2016. **ANAIS DA 11ª MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JR**, URCAMP, 2016.

MARQUES, V. H.; CAMARGO, J. H. L. O ser para-outro e o inferno em Sartre. **Ekstasis**. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/26389/20528>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

MAMAN, J. A. Ao encontro de Heidegger: a noção de Ser-no-Mundo. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, v. 102, p. 611- 615, jan./dez./2007.

MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Revista de Ciências da Educação**, 2007. Disponível em: <<http://ticsproeja.pbworks.com/f/limites+e+possibilidades.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2021.

MIRANDA, L. A. Corpo Para Mostrar: O Autorretrato Nas Redes Sociais. In: III ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 2012, Bahia, **Anais**: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Corpo-para-mostrar-o-autorretrato-nas-redes-sociais.pdf>>. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2012.

MOREIRA, J.; ROSA, M. S. T. Jean-Paul Sartre e Paulo Freire: aproximações entre a liberdade existencialista e a educação libertadora. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 14, n. 3, p. 407-424, set./dez./2014.

O DILEMA das Redes. Direção: Jeff Orlowski. Roteiro: Davis Coombe; Vickie Curtis; Jeff Orlowski. **Netflix**, 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 7 set. 2021.

OLIVEIRA, M. O. R.; UBAL, D. C. P. N.; CORSO, K. B. Meu Smartphone, uma Extensão de Mim: Self Estendido e os Paradoxos Tecnológicos. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, XVII, 2014, São Paulo, **ANAIS DO SEMINÁRIO DE ADMINISTRAÇÃO - SEMEAD** São Paulo: Faculdade de economia, administração e contabilidade da Universidade de São Paulo, 2014.

- OTERO, C. D. S.; FUKS, B. B. Os laços sociais na era virtual: um novo discurso? **Trivium**, v. 5, n. 2, p. 93, dez.2013.
- PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, VI, 2009, Lisboa. **ANAIS DE CONGRESSO**, Lisboa: Universidade Lusófona, 2009.
- PERDIGÃO, P. **Existência e Liberdade**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- PIMENTA, F. J. P. O Conceito de Virtualização de Pierre Lévy e sua Aplicação em Hipermídia. **Lumina**, v. 4, n. 1, p. 85-96, jan./jun./2001.
- PÓVOAS, J. F. A má-fé analítica existencial Sartreana. **Reflexão**, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576562026007>>. Acesso em: 10 out. 2021.
- QUEDA livre. Direção: Joe Wright. Produção: Laurie Borg. Roteiro: Charlie Brooker; Michael Schur; Rashida Jones. **Black Mirror: the complete third series**. Londres: House of Tomorrow, 2016. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 7 set. 2021.
- QUINTÃO, F. de S.; TRISKA, R. Design de informação em interfaces digitais: origens, definições e fundamentos. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 11, n. 1, p. 105–118, 2014.
- ROEHE, M. V.; DUTRA, E. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 32, n. 1, p. 105-113, 2014.
- SAMPAIO, A. F. **Letras e Memória – Uma Breve História da Escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 293 p.
- SANTOS, F.; RIBEIRO, P. R. M. Que Corpo É Este? O Processo De Subjetivação Na Construção Discursiva Dos Corpos Nas Redes Sociais. **Rev. Bras. Psico. e Educ**, v. 20, n. 1, p. 52-64, jan./jun./2018.
- SANTOS, P. V. F.; LUZ, C. R. M. História da Televisão: do Analógico ao Digital. **Inovcom**, v. 4, n. 1, p. 34-46. 2013.
- SASS, S. D. A noção de projeto na psicanálise existencial de Sartre. **Limiar**, v. 2, n. 4, p. 105 - 125, 2016.
- SARTRE, J. P. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. RJ: Vozes, 2009.
- SCHÖPKE, R. Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: A construção da máquina de guerra nômade. **Rev. Filos.**, v. 29, n. 46, p. 285-305, jan./abr./2017.
- SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. p. 290.
- SILVA, A. A. R. **O ser-para-outro em “angústia”, de Graciliano Ramos - leituras a partir da teoria do olhar, de jean-paul sartre**. 2020. 220 f. Tese (Doutorado em Literatura e Hermenêutica). Centro de educação - ceduc, Universidade estadual da paraíba campus I, Campina Grande, 2020.
- SILVA, T. M.; TEIXEIRA, T. O.; FREITAS, S. M. P. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, v. 21, n. 1, p. 176-196, jan. 2015.

- SILVA, F. M. R. **A relação entre o ser-para-si e o ser-para-outro e a implicação dessa relação para a constituição do problema do “homem” na filosofia de Jean Paul Sartre.** 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em filosofia). Escola de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade federal de são paulo, Guarulhos, 2014.
- SILVA, D. V.; BRITO, F. G. R. M.; NICOLAU, R. B. F. Reconfiguração das práticas publicitárias na internet: o caso Zooppa. **Rev. Temática**, v. 8, n. 02, fev./2012.
- SILVA, R. C. História do Jornalismo: evolução e transformação. **Rev. Temática**. v. 8, n. 7, p. 1-12, Jul./2012.
- SOUZA, Marcela Romero de; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. O SER-PARA-OUTRO NA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL DE JEAN-PAUL SARTRE. *In*: PEREIRA, Denise (org.). **As Ciências da Vida Frente ao Contexto Contemporâneo.** Belo Horizonte: Atena, 2019. v. 1, cap. 22, p. 137-143.
- SUBTIL, F. Tecnologia, economia e política: o telégrafo como antecessor da Internet. **Estudos em comunicação**, s./v, n. 15 p. 25 - 40, maio./2014.
- SEPÚLVEDA, D.; SEPÚLVEDA, Y. O dilemas das redes e a modulação dos comportamentos dos usuários: o que isso tem a ver com os processos de aprendizagem? **Revista aleph**, s./v, n. 36, jul./2021.
- SOUZA, Clarisse Machado de; SILVA, Arnislane Nogueira. Aplicativos para smartphones e sua colaboração na capacitação funcional de idosos. **Revista de Saúde Digital e Tecnologias Educacionais**, v. 1, s./n, p. 06-19, 2016.
- TEIXEIRA, S. **Como o furacão Netflix está transformando a televisão.** S./L: Exame, 2015.
- TORRES, C. **A bíblia do marketing digital.** São Paulo: Novatec, 2009.
- VIEIRA, T. R.; CARDIN, V.S.G.; GOMES, L.G.C. **Bioética e Cinema.** Maringá: Mariluz, 2017. 330p.
- VISCONTI, M. Black Mirror e a cegueira moral da Modernidade. **Temporalidades – Revista de História**, v. 9, n. 1, p. 143-166, jan./abril./2017.
- VYGOTSKY, L. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- XAVIER, A. S. C. S. **Black mirror - nosedive: A influência da midiatização nas práticas sociais.** 2017. 47 f. Monografia (TCC em publicidade e propaganda) - Faculdade de tecnologia e ciências sociais, Centro universitário de Brasília, Brasília, 2017.